



Memorias. Revista Digital de Historia y
Arqueología desde el Caribe

E-ISSN: 1794-8886

memorias@uninorte.edu.co

Universidad del Norte
Colombia

Duarte Rodrigues, Ana Margarida

A viagem de Humboldt à América do Sul e uma nova ideia de paisagem: o seu impacto
em Eschwege

Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe, núm. 25, enero-abril,
2015, pp. 104-143

Universidad del Norte
Barranquilla, Colombia

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85536228006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**A viagem de Humboldt à América do Sul e uma nova ideia de paisagem:
o seu impacto em Eschwege**

**El viaje de Humboldt a Sur América y una idea de paisaje:
su impacto en Eschwege**

**Humboldt's trip to South America and a new idea of landscape:
its impact on Eschwege**



*Ana Margarida
Rodríguez*

Investigadora Auxiliar do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia, Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa, 1749-016 Lisboa, Portugal. Editora da revista Gardens & Landscapes of Portugal: http://www.chaia_gardens_landscapesofportugal.uevora.pt/index%20home%20presentation.htm amnrodrigues@fc.ul.pt

Agradecimento

Quero expressar o meu agradecimento a Margarita Rodriguez por todo o apoio editorial prestado ao longo da realização deste artigo.

Resumo

A viagem de Alexander von Humboldt e do botanista Aimé Bonpland à América do Sul, realizada entre 1799 e 1804, constituiu um marco incortornável na história da ciência no seu sentido mais lato pois teve consequências em praticamente todas as áreas do saber. Depois de fazermos a revisão da relação de Humboldt com Portugal, explorámos um aspeto que tinha passado despercebido: a sua amizade com o barão de Eschwege, arquiteto do palácio e parque da Pena em Sintra. Neste sentido, aprofundámos o estudo da relação entre alguns textos de Humboldt escritos durante a viagem pela América do Sul e novas ideias de paisagem que ganhavam fôlego no Velho Continente, as das paisagens sublimes, das quais o parque da Pena constitui um exemplo ímpar.

Palavras-chave

Alexander von Humboldt, Eschwege, América do Sul, Portugal, Paisagem, Sublime

Resumen

El viaje de Alexander von Humboldt y del botánico Aimé Bonpland a América del Sur, realizado entre 1799 y 1804, constituye un hito fundamental para la historia de la ciencia, con consecuencias en prácticamente todas las áreas del saber. Después de analizar la relación de Humboldt con Portugal, exploramos un hecho que ha pasado desapercibido: su amistad con el barón de Eschwege, arquitecto del palacio y parque de Pena en Sintra. En este sentido, este artículo profundiza en el conocimiento de la relación entre algunos textos de Humboldt escritos durante el viaje por América del Sur y las nuevas ideas que cobraban fuerza en el Viejo Continente, las de los paisajes

pintorescos y sublimes.

Palabras claves

Alexander von Humboldt, Eschwege, América del Sur, Portugal, paisaje sublime

Abstract

Alexander von Humboldt and the botanist Aimé Bonpland's trip to South America, made between 1799 and 1804, stood as an indisputable standard in the history of science in a broader sense because it had consequences in almost all areas of knowledge. After the revision of Humboldt's relationship with Portugal, I have explored one aspect that was left behind: his friendship with the Baron of Eschwege, architect of Pena's palace and park in Sintra. In view of this, I have deepened the study of the relationship between some Humboldt's texts written during his trip to South America and a new idea of landscape in vogue in the Old Continent, that of sublime landscapes of which Pena Park is a unique example.

Key-words

Alexander von Humboldt, Eschwege, South America, Portugal, Landscape, Sublime

Introdução

Alexander von Humboldt (1769-1859) é uma figura inquestionável da História da Ciência por ter legado obra nas mais diversas áreas do saber, mas também por relacioná-las entre si segundo a perspectiva de que tudo se encontra interligado no Cosmos. A obra de Humboldt está sempre na atualidade, precisamente pela sua capacidade em articular, com uma perspectiva transversal, disciplinas tão diferentes, tornando-o assim um dos *últimos homens do Renascimento*.¹

Herdeiros de uma distinta e abastada família prussiana, filhos de Alexander Georg von Humboldt (1720-1779) e da sua segunda esposa Maria Elizabeth von Colomb (1741-1796), Alexander e o seu irmão Wilhelm (1767-1835) tiveram uma educação privilegiada² e foram as personalidades intelectuais do século, deixando o seu nome gravado na própria universidade de Berlim, que se denomina atualmente Humboldt-Universität em memória da craveira científica mundialmente reconhecida dos dois irmãos. Sem dúvida que foi a viagem realizada entre 1799 e 1804 no espaço do império, seguindo a rota das colónias espanholas na América do Sul, que

¹ Como o considera Wayne Ruwet. Review on Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent. Vols. XV-XVI. Vue des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique. In The Hispanic American Historical Review. Vol. 54, nº 3. Aug., 1974. P. 511.

² Desde os catorze anos de idade que Alexander vivia em Berlim para dar continuidade aos estudos e poucos anos depois frequentou as universidades de Frankfurt e Gottingen. A passagem por esta universidade teria um papel determinante no seu percurso pois foi discípulo do antropólogo e zoólogo alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840) e do arqueólogo da mesma nacionalidade Christian Gottlob Heyne (1729-1812). Acabou por desenvolver estudos nas mais diversas disciplinas científicas e sob a influência do botanista alemão Karl Sigismund Kunth (1788-1850), do linguista alemão Joachim Heinrich Campe (1746-1818) e do naturalista alemão Johann Reinhold Forster (1729-1798), desenvolve a sua paixão por viajar, observar e registar os fenómenos naturais. Sobre a biografia de Alexander von Humboldt, destacamos as obras de Jeffrey A. Fortin e Mark Meuwese (eds.). Atlantic biographies: individuals and peoples in the Atlantic world. Brill. Leiden, Boston, 2014; Bénédicte Savoy e David Blankenstein (eds.). Les frères Humboldt, l'Europe de l'esprit. PSL Research University/Jean-Pierre de Monza. Paris, [2014]; e Thomas Richter. Alexander von Humboldt. Rowohlt Taschenbuch Verlag. Reinbeck, 2009. É de referir que a grande maioria das biografias encontram-se publicadas em língua alemã e, como tal, inacessíveis a grande parte da comunidade científica.

marcará o destino de Alexander von Humboldt como o nome do século.

Desde a primeira metade do século XVIII que em Inglaterra se desenvolvia um novo tipo de paisagem, que vai ganhando diferentes contornos no continente europeu à medida que a produção teórica de Goethe (1749-1832), Schiller (1759-1805) e Schelling (1775-1854) que acompanha o movimento do Romantismo se desenvolve. Partindo da síntese concretizada em Humboldt entre a mudança de paradigma nas paisagens que se procuram observar, que se procuram construir, e na pintura de paisagem, interessa-nos neste trabalho analisar as ideias científicas de Humboldt sobre a natureza relacionadas com a estética e como foram interpretadas na representação da paisagem. Procurámos averiguar como a viagem, os textos, as ilustrações e as ideias naturalistas de Humboldt se relacionarão com um novo conceito de paisagem por duas vias: a da representação da paisagem na pintura e a de um novo conceito de jardim, oriundo da escola paisagista. Ao cruzar este conhecimento com a construção da paisagem em Portugal no Romantismo deparámo-nos com um aspeto que passou despercebido à historiografia portuguesa e que nos parece pertinente para a difusão de uma nova ideia de paisagem em Portugal: a amizade e troca de informações entre Humboldt e Eschwege (1777-1855), arquiteto do palácio de parque da Pena, em Sintra, ao serviço do rei de Portugal D. Fernando II (1816-1885).

Metodologia

Recentemente têm surgido importantes contributos que estabelecem a relação entre a viagem de Humboldt e Aimé Bonpland (1773-1858) na procura do conhecimento científico pelas rotas do império espanhol e as consequências dessa mesma viagem na representação

da paisagem.³ O nosso interesse pela obra de Humboldt surge na consequência de trabalhos anteriores, nem todos relacionados uns com os outros, mas que permitiram sustentar a perplexidade e vontade de inquirir algumas problemáticas relacionadas com a observação de paisagens naturais, construção de paisagem cultural e representação de paisagem.⁴ A constatação da mudança de paradigma no tipo de viagem empreendida por Humboldt, sobretudo ao nível das circunstâncias e dos interesses que o movem e das paisagens observadas, descritas e estudadas, e o facto de ser coincidente com o gosto por um novo tipo de jardim, o jardim de paisagem, suscitou algumas questões: Será que a observação de um novo tipo de paisagens se cruza de alguma forma com a construção de novos tipos de paisagens? Ou será que Humboldt já partilhava as ideias de Burke e Kant que apontavam as paisagens assombrosas (as grandes montanhas, os desertos e o oceano) como sublimes? E, encadeada nestas questões que interessaram a distintos autores,⁵ uma outra questão central assolava o nosso espírito: Será que de alguma maneira estes factos que

³ Destacam-se AAVV, *Unity of nature: Alexander von Humboldt and the Americas*. Americas Society/Kerber. New York, Bielefeld, 2014, com alguns capítulos especificamente dedicados à relação entre a viagem de Humboldt e os estudos de paisagem, como o de Pablo Diener sobre “The picturesque atlas: the landscape illustrations in Alexander von Humboldt’s views of the Cordilleras and monuments of the indigenous peoples of the Americas”. Bonnie Roos e Alex Hunt (ed.). *Postcolonial green: environmental politics & world narratives*. University of Virginia Press. Charlottesville, 2010, que inclui o capítulo de Rachel Stein sobre “South America and the Caribbean. Performing tropics: Alexander von Humboldt’s Ansichten der natur and the colonial roots of nature writing”. Jorge Canizares-Esguerra. *Nature, empire, and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. Stanford University Press. Stanford, 2006. David Philip Miller and Peter Hanns Reill (eds.). *Visions of empire: voyages, botany, and representations of nature*. Cambridge University Press. Cambridge, 1996, que inclui o capítulo de Barbara M. Stafford intitulado “Global physics and aesthetic empire: Humboldt’s physical portrait of the tropics”.

⁴ Os trabalhos anteriores que suportam ou facilitaram este estudo foram os seguintes: Ana Duarte Rodrigues. *Roma para quem não foi a Roma: as ideias e as imagens do centro da Cristandade nos guias às Antiguidades Romanas*. In: *Arte & Viagem* (coord. Margarida Acciaiuoli e Ana Duarte Rodrigues). IHA. Lisboa, 2012. P. 49-62, dedicado à divulgação da arte clássica em “guias turísticos”. Roma e as suas antiguidades constituíam o principal móbil de viagem durante a Idade Moderna. Recentemente o estudo sobre a percepção da paisagem brasileira durante a Idade Moderna, permite-nos afirmar que a observação, a motivação e o enfoque de Humboldt são completamente diferentes da percepção que se tinha da paisagem, pois não se conseguiam libertar da comparação com a Europa. Humboldt resiste a isso e observa o Novo Continente per si. Cf. Ana Duarte Rodrigues. *The role of nature and property to convey landscape perception of Brazilian territories*. In: *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires*. CEHC-IUL. Lisboa, 2014 (no prelo). Sobre a paisagem de Sintra e a sua percepção, o nosso livro *Os Jardins de Sintra dos Séculos XVII e XVIII/17th and 18th centuries Sintra’s gardens*. CHAIA. Évora, 2014 e o artigo “Sintra’s privileged picturesque landscapes offered by 19th century photography”. In: *Fotografia-Investigação-Arquivo*. Museu Nacional do Teatro e CHAIA. Lisboa, 2014 (no prelo), sustentam o conhecimento sobre a construção da paisagem de Sintra ao longo do tempo. Finalmente, a conferência apresentada no Ciclo de Seminários sobre Escrita de Viagens organizado pelo CECL/FCSH em 2012 e intitulada “A vista das cordilheiras da América do Sul e uma nova ideia de paisagem em *Vue des Cordillères et Monuments des Peuples Indigènes de l’Amérique*, de Alexander von Humboldt”, constitui o início do trabalho agora apresentado.

⁵ Como Antonio Vitte e Roberison Wittgenstein Dias da Silveira. *Ciência e Estética na ciência humboldtiana e os fundamentos da geografia física moderna*. In: CLIMEP. *Climatologia e estudos da paisagem*. Vol. 1. 2011. P. 94-117; e do mesmo autor com Kalina S. Springer. *A ciência humboldtiana: entre a sensibilidade e a mensuração na gênese da geografia física*. In: *Revista do Departamento de Geografia (USP)*. Vol. 21, 2011. P. 167-177; e dos mesmos autores com R. W. Silveira, Josevan Dutra dos Santos. *Ciência e estética na ciência humboldtiana e os fundamentos da Geografia Física moderna*. In: *Geosul*. Vol. 27, 2012. P. 7-32.

geograficamente oscilavam sobretudo entre a América do Sul e a Alemanha, se podiam cruzar com Portugal, nomeadamente com a paisagem romântica que viria a ser construída por D. Fernando II em Sintra?

A metodologia seguida para esta investigação partiu do estudo da bibliografia sobre o tema, sendo que a bibliografia produzida em Portugal ou escrita em português no Brasil é, face à dimensão

humboldtiana, reduzida;⁶ as nossas bibliotecas não são particularmente ricas em bibliografia sobre Humboldt, o que acreditamos ser compensado com o acesso aos artigos sobre o tema disponibilizados em bases bibliográficas em *open access*.⁷ O cerne desta investigação assenta assim nas fontes primárias de Humboldt disponibilizadas online⁸, nomeadamente, o seu diário da viagem à América do Sul, a *Vista das Cordilheiras*, o *Quadros da Natureza*, e o *Cosmos* que permitem compreender quais as suas ideias sobre paisagem e sobre representação de paisagem.

No sentido de responder às questões formuladas anteriormente deparámo-nos com alguns problemas metodológicos. Em primeiro lugar, a falta de acesso a outras fontes documentais sobre o Humboldt. Em segundo lugar, debatemo-nos com o facto de a história dos jardins e paisagem ainda não estar devidamente cruzada ou inserida na história da cultura e da ciência e, como tal, ser difícil

⁶ Depois de alguns textos publicados em Portugal no século XIX sobre Humboldt, pode-se dizer que só nos últimos anos recrudescceu o interesse por Humboldt, como demonstramos no capítulo que se segue.

⁷ Por exemplo, destaca-se a publicação de uma autora brasileira numa das mais prestigiadas revistas de História da Ciência e que demonstra cabalmente a rede internacional de contactos de Humboldt e como as suas descobertas chegaram aos mais diversos círculos intelectuais europeus, não sendo a receção das ideias de Humboldt por Eschwege nada mais do que um exemplo desta rede de contactos: Regina Horta Duarte. *Between the National and the Universal: Natural History Networks in Latin America in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. In *Isis*, vol. 104, nº 4. December 2013. P. 777-787.

⁸ Que foram por nós consultadas em inglês: *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1804*; *Aspects of Nature*; *Cosmos: a sketch of a physical description of the universe*; and *Selections from a works of the Baron de Humboldt* (<http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/>), na Humboldt Digital Library (<http://www.avhumboldt.net/index.php?page=138>). A Dynamic Digital Library permite visualizar as suas viagens (<http://www.avhumboldt.net/googlemaps/googlemaps.html>).

estabelecer as pontes que legitimamente se deduz existirem. Em suma, assumimos os trâmites tateantes da nossa investigação que parte da hipótese de as paisagens assombrosas vistas por Humboldt e as suas descrições científicas sobre as mesmas, divulgadas por toda a Europa, terem tido consequência na paisagem construída, como o tiveram na pintura de paisagem tal como foi reconhecido nos *media* de meados de Oitocentos.⁹ Com efeito, esperamos assim apontar as dependências entre arte, ciência e técnica e estabelecer as possíveis inter-relações entre o interesse despertado por assombrosas paisagens naturais, a propagação do conceito de sublime e a construção de um específico parque romântico em Portugal, devido às afinidades que a encomenda deste palácio tem com o círculo de Humboldt.

A historiografia portuguesa sobre Humboldt

Quando Humboldt regressa com o seu amigo botanista Aimé Bonpland (1773-1858) da América do Sul, tem um sucesso inigualável em todos os círculos intelectuais da Europa, ávidos por satisfazer a sua curiosidade pelo novo mundo. Recebia distinções de todos e por tudo. Em Portugal, é-lhe outorgado o Hábito da Ordem de Cristo e foi convidado para ser sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Logo depois da sua morte, António Filipe Simões¹⁰ tece a primeira biografia em português de Humboldt e o lente da Escola Politécnica de Lisboa e secretário da dita academia, José Maria Latino Coelho (1825-1891), no seu *Elogio* será contundente:

É este nome um século. É este nome a própria historia da sciencia, durante todo o

⁹ Por exemplo, veja-se como o jornal *The Crayon* noticia as ideias de Humboldt sobre pintura de paisagem: "Humboldt on Landscape Painting – As fresh and vivid descriptions of natural scenes and objects are suited to enhance a love for the study of nature, so, also, is landscape painting. Both show to us the external world in all its rich variety of forms, and both are capable, in various degrees, according as they are more or less happily conceived, of linking together the outward and inward world. It is the tendency to form such links which marks the last and highest aim of representative art; but the scientific object to which these pages are devoted, restricts them to a different point of view, and landscape painting can be here considered only as it brings before us the characteristic physiognomy of different portions of the earth's surface, as it increases the longing desire for distant voyages, and as, in a manner equally instructive and agreeable, it incites to fuller intercourse with nature in her freedom." (*The Crayon*, 1855, vol. 1, nº 13. P. 199).

¹⁰ António Filipe Simões. Alexandre de Humboldt. In: *O Instituto*. Vol. 8. Coimbra, 1860.

tempo, em que o sábio prussiano serviu com a infatigável actividade do seu espírito privilegiado a quasi toda a sciencia humana.¹¹

Este discurso torna patente o reconhecimento em Portugal pela transversalidade e universalidade da figura de Humboldt como uma personalidade maior da Ciência. É certo que nos círculos intelectuais portugueses, a figura de Humboldt foi admirada e aclamada mas, anteriormente, tinha existido alguma bibliografia portuguesa não tão favorável a Humboldt. Em primeiro lugar, porque este criticara Camões acusando-o de falta de rigor científico na descrição da Ilha dos Amores nos *Lusíadas*¹² e, em segundo lugar, por Humboldt nunca ter reconhecido o contributo dos Descobrimentos portugueses para a História internacional e para a História da Ciência.¹³

Humboldt foi também olhado com alguma desconfiança pelas autoridades portuguesas. Munidos de

¹¹ José Maria Latino Coelho. Elogio do Barão de Humboldt lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 10 de Março de 1861. Typ. Da Academia. Lisboa, 1861. P. 3.

¹² Diz Humboldt no *Cosmos* que “O episodio da ilha encantada, diz elle, offerece na verdade a mais graciosa de todas as paysagens; mas a sua decoração só se compõe, como convem a uma ilha de Vénus, de myrtos, cidreiras, romanzeiras e limoeiros odoríferos, tudo arbustos proprios do clima da Europa meridional” (José Gomes Monteiro. Carta do Illmo Snr. Thomaz Norton, sobre a situação da Ilha de Venus e em defeza de Camões contra uma arguição que na sua obra intitulada *Cosmos* lhe faz. Na Typ. De S. J. Pereira. Porto, 1849. P. 6). A obsessão de Humboldt pela verdade científica na representação artística explica a sua crítica a Camões. Humboldt considera Camões um pintor da natureza, admirável quando descreve os fenómenos do Oceano, mas com falta de rigor científico na descrição das espécies botânicas da Ilha dos Amores. O escritor José Gomes Monteiro (1807-1879) escreve uma carta ao conselheiro Tomás Norton (1804-1860) em que refuta a crítica de Humboldt a Camões. O conselheiro Tomás Norton deve ter ficado revoltado com a crítica de Humboldt porque era um verdadeiro aficionado de Camões, contando a sua biblioteca mais de cinquenta tomos dos *Lusíadas* (com edições entre 1572 e 1857) ou sobre Camões, o que terá motivado a carta explanatória de José Gomes Monteiro. Cf. Catalogo da Livraria do fallecido Conselheiro Thomaz Norton. Typ. De Sebastião José Pereira. Porto, 1860. O autor do *Cosmos*, apesar de não partilhar a opinião de Sismondi, segundo o qual as viagens de Camões pouco ou nada teriam enriquecido a sua poesia, adopta contudo a censura deste crítico na parte que se refere á ausência da vegetação tropical nas descrições dos *Lusíadas*. José Gomes Monteiro irá mostrar que Camões tem como base referentes reais e que aquelas espécies que parecem típicas de zonas meridionais, também existem numa ilha do Oceano Indico, na costa oriental de África: em Zanzibar. Descreve assim as plantas que aí existem: “São estas a laranjeira, a cidreira, o limoeiro, a amoreira, o pecegueiro, a romanzeira, a videira, o ulmeiro e o myrto” (José Gomes Monteiro. Op. cit. P. 35). O historiador dedicado à história das instituições culturais e científicas em Portugal, também ele sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, José Silvestre Ribeiro (1807-1891) escreveu à laia de comparação, Os *Lusíadas* e o *Cosmos* ou Camões considerado por Humboldt como admirável pintor da natureza. Imprensa Nacional. Lisboa, 1853, com 2ª edição em 1858. Quase um século depois, Luís de Pina vem novamente em defesa de Humboldt, identificando todas as passagens elogiosas que este teceu sobre Camões como admirável pintor do Oceano e igualmente desculpando Humboldt por não ter dados no seu tempo que lhe permitissem perceber o valor determinante dos portugueses para os Descobrimentos. Cf. Luís de Pina. A universalidade de Alexandre de Humboldt na história da cultura. Centro de Estudos Humanísticos. Porto, 1959.

¹³ Luciano Pereira da Silva e Joaquim Bensaúde provaram que a tese de Humboldt que reivindicava para os alemães Behaim e Regiomontanus um papel pioneiro nos Descobrimentos estava errada e argumentaram perante a comunidade científica que esse papel pertencia aos portugueses. Cf. Joaquim Bensaúde. Les légendes allemandes sur l’histoire des découvertes maritimes portugaises: réponse A. M. Hermann Wagner. Impr. A. Kundig. Genève, 1917-1920.

um salvo-conduto passado pelos reis espanhóis que lhes permitia circular livremente pelas colónias da Nova-Espanha, Humboldt e Bonpland tinham assim garantida a proteção das autoridades em qualquer ponto do império espanhol. Contudo, durante a viagem pelo rio Negro, acabam por atingir território português, tendo as autoridades portuguesas emitido uma ordem para deter o estrangeiro por perigo de espionagem e propaganda de ideias liberais e anti-esclavagistas¹⁴.

Apesar de contarmos com alguns textos publicados em Portugal no século XIX sobre Humboldt, a bibliografia humboldtiana escrita em português encontra-se disseminada. Contudo, possivelmente seguindo a corrente internacional, nos últimos anos recrudescceu o interesse por Humboldt na academia portuguesa, com a publicação de alguns dos seus textos em português, traduzidos por Gabriela Cardoso.¹⁵ Com enfoque nas perspetivas humboldtianas sobre a natureza, destacando a viagem às regiões equinociais da América e incluindo extratos dos diários de viagem e o prefácio da obra *Cosmos* (1844), esta obra tem o mérito de proporcionar em português alguns dos textos mais emblemáticos de Humboldt sobre a questão da natureza e da representação da paisagem. Um ano depois, a Universidade Católica Editora e o Centro de Estudos de Comunicação publicaram as atas do colóquio internacional organizado por Anabela Mendes e Gabriela Fragoso na Sociedade de Geografia de Lisboa, intituladas *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*,¹⁶ sugerindo, assim, a baliza cronológica e o sentido de curiosidade que levou os dois intelectuais a investigar, estudar e descrever espaços e civilizações extra-europeias.

Igualmente escrita em português, a Círculo de Leitores apresentou em 2013 a tradução do livro de

¹⁴ “um certo barão von Humboldt, nascido em Berlim, tem viajado pelo interior da América fazendo observações geográficas para a correcção de alguns erros em mapas existentes, e colecta de plantas (...) um estrangeiro que, sob tal pretexto, talvez possivelmente esconda planos para espalhar novas ideias e princípios perigosos entre os fiéis súbditos deste reino. Sua Excelência deve investigar imediatamente (...) pois pode ser extremamente danoso para os interesses da Coroa de Portugal se esse for o caso”. Também narrado por Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege. Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 1996. P. 20.

¹⁵ Alexander von Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza: uma antologia*. Assírio & Alvim. Lisboa, 2007. Sempre que possível, utilizaremos as traduções incluídas nesta antologia

¹⁶ Anabela Mendes (org.). *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*. Universidade Católica Editora. Lisboa, 2008.

Ulli Kulke¹⁷ confirmando o interesse crescente que a figura de Humboldt tem gerado nos círculos académicos e de forma mais alargada no público em geral, sobretudo no que diz respeito à sua viagem pela rota do império espanhol.

As paisagens “esmagadoras” que Humboldt viu durante a viagem pela América do Sul

José Maria Latino Coelho no Elogio a Humboldt oferece uma perspicaz explicação para o pulsar de Humboldt pela América do Sul:

Tres vezes tenta a viagem tão desejada da sua America. Tres vezes a fortuna lhe desconcerta os planos mais ousados. Humboldt é um d'estes espiritos que, não cabem no estreito horisonte da sua patria. As montanhas do seu paiz são como as collinas, que mal encobrem uma aldêa. A Europa é para elle a miniatura da natureza. As arvores, que lhe ensombram o tecto natalicio, são plantas rasteiras ao pé d'esta grandiosa e gigante vegetação das regiões intertropicaes. As flores não embalsamam o ar como ali com torrentes de perfumes. O Vesuvio é uma fornalha ao pé dos alterosos picos do Cotopaxi ou do Pichincha. Os rios não têm na Europa tempo de esquecer o nome do seu berço, como o Orenoco, o Mississipi, o Amazonas. A paisagem europêa é quasi um painel de Watteau. Só nas regiões do Novo-mundo a paisagem se eleva ás magestosas e ás terriveis proporções de uma verdadeira scena da natureza.¹⁸

Desde 1500 que os Portugueses viajam para a América do Sul, por isso importa sublinhar que não é só o destino que nos leva a distanciar a viagem de Humboldt do que se fizera até então. É na intenção e/ou interesse em que assenta a mudança de paradigma. Ele procura a natureza, mas não é

¹⁷ Ulli Kulke. Alexander von Humboldt: viagem à América do Sul. Círculo de Leitores. [Lisboa], 2013.

¹⁸ José Maria Latino Coelho. Op. Cit. P. 9.

mais a paisagem descrita por Pero Vaz de Caminha (1450-1500), o famoso escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral (c. 1467-c. 1520), quando avistou pela primeira vez solo sul-americano. A famosa viagem realizada entre 1799 e 1804¹⁹ pelo sábio e viajante prussiano Alexander von Humboldt na companhia do seu amigo Bonpland à América do Sul, constituiu um ponto de viragem sob diversos pontos de vista.

Humboldt segue a rota do império espanhol e vai de encontro à paisagem assombrosa dos Andes, deixando claro logo à partida que existem regiões do globo que apesar de se já ter lá estado, permanecem completamente desconhecidas, essencialmente porque nunca foram alvo da observação de um cientista.²⁰ Em consequência da viagem publicou o seu trabalho monumental *Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent* (1805-1834)²¹ para revelar ao mundo os resultados destes cinco anos de investigação na América do Sul e México. Completamente diferente dos livros de viagens que descreviam o *Grand-Tour* e relatavam périplos pela Europa, centrados em

¹⁹Um mapa da viagem encontra-se disponível na Humboldt Digital Library e também no livro AAVV. *Unity of nature: Alexander von Humboldt and the Americas*. Ob. Cit. Sobre a viagem ver Mariano Cuesta Domingo. *Alexander von Humboldt: estancia en Espana y viaje americano*. Real Sociedad Geográfica. Madrid, 2008.

²⁰ "It were erroneous to believe, that countries, because they have been already visited, are therefore known. A penetrating and capacious mind finds every where new materials for observation. The work, of which I now offer the translation to the public, relates to regions of which the greater part have never till now been described by a scientific and learned traveler. A few botanists had indeed herbalized along those distant coasts, and added some riches to the vegetable world. La Condamine, Don Jorge Juan, and Bouguer, scaled the lofty Andes; but it was only to measure their height, and make astronomical observations. Their journals, which date farther back than half a century, were written when geology did not exist as a science, and the physical structure of those giants of our Globe was yet unknown". In Humboldt, *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1804*, Vol. 1. Consultado em <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/3/vid/1/cid/1/tid/4/text/It-were-erroneous-to-believe-that-countries-because-they-have-been-already-visited-are-therefore->

²¹ A descrição desta viagem será publicada como *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent*, fait en 1799, 1800, 1801, 1802, 1803 et 1804, par Al. De Humboldt et A. Bonpland. F. Schoell. Paris, 1805-1834. Durante os cinco anos da sua viagem pela Venezuela, Cuba, Colômbia, Equador, Perú e México, Humboldt realizou inúmeros desenhos que vieram a ilustrar os trinta e cinco tomos da sua obra e que revelam os motivos paisagísticos, topográficos, geológicos, botânicos, zoológicos, arqueológicos das civilizações pré-hispânicas, entre outros. É nesta situação que será retratado em 1806 por Friedrich Georg Weitsch (1758-1828), director da Academia de Arte de Berlim, numa paisagem idealizada da floresta tropical, de caderno aberto sobre os joelhos. Este retrato explana visualmente a aliança entre ciência e arte na senda de conhecer toda a realidade do Cosmos. Devido ao custo da edição original da obra *Voyage* e do longo período de publicação, só algumas instituições têm a obra completa original. Atualmente está online em inglês na Humboldt Digital Library.

Itália e nas maravilhas da Antiguidade Clássica, a *Vue des Cordillères* (parte da *Voyage*), juntamente com a obra *Die Alpen* (1729) de Albrecht von Haller (1708-1777) e com a *Voyages dans les Alpes* (1779) de Horace Benedict de Saussure (1740-1799), inauguram uma nova linha de livros de viagens – das paisagens naturais incomensuráveis –, que ganham no final do século XVIII, princípio do XIX, uma enorme importância pois vão de encontro a um novo gosto e a uma nova sensibilidade. Na senda destes autores, Humboldt na sua viagem inaugural pela Europa Central, já se tinha afastado do destino idealizado por muitos jovens do seu tempo – Roma e as suas Antiguidades – e detém-se nas paisagens naturais de que resultará a publicação *Observações sobre os Basaltos do Reno* (1790). Humboldt sempre fascinado pelas belezas naturais, na sua obra *Cosmos* confessa que se sente admirado por, muito antes dele, os Romanos não terem descrito as colunas de basalto que se encontram de modo tão variado no centro de França, nas margens do Reno e na Lombardia.²²

Pouco depois surge a oportunidade de viajar para a América do Sul. A proposta é feita pelo almirante Louis Antoine de Bougainville²³ (1729-1811), mas as guerras napoleónicas obrigam a expedição a uma mudança de planos. Decidem, então, seguir as tropas de Napoleão para o Egipto. Porém, o atraso do barco que os deveria levar de Marsella obriga-os a tomarem nova direção e seguem para Esmirna. Em Espanha, conseguem uma audiência com os reis e obtêm um passaporte com o selo real, que Humboldt relacionará com a *generosity and boldness that reflected honorably on the government and a philosophical age*.²⁴

²² Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). Pinturas da natureza...Op. Cit. P. 157.

²³ Descreve o Taiti no seu livro de 1771 *Voyage autour du Monde*, no qual Bougainville ofereceu a visão de um paraíso terrestre onde homens e mulheres viviam felizes, em completa inocência, longe da corrupção da civilização (um quadro que será depois pintado por Gauguin). Ele ilustrou o conceito de “nobre selvagem”, e influenciou as ideias utópicas de filósofos como Jean-Jacques Rousseau antes do advento da Revolução francesa. Ver Hyacinthe de Bougainville, *Album pittoresque de la frégate Thétis et de la courvette l'Espérance. Collections de dessins relatifs au voyage... sous les ordres de M. Le Baron de Bougainville. Chez Bulla. Paris, 1828.*

²⁴ Como Humboldt dirá no seu relatório da viagem, enviado quando deixava os EUA para a Europa e cujo manuscrito terá chegado antes dele. (http://www.avhumboldt.net/avhdata/Philadelphia%20Abstract/1/Complete/1_complete.pdf). O relatório encontra-se escrito na terceira pessoa, apesar de ter sido feito por Humboldt porque destinava-se a ser publicado num jornal.

Com o objectivo de descobrir a interação das forças da Natureza e as influências que o ambiente geográfico exerce sobre a vida vegetal e animal, embarcam na Corunha, Espanha, a 5 de Junho de 1799 a bordo da corveta de guerra *Pizarro* numa viagem que só terminará cinco anos depois com a chegada a Bordéus, França, a 1 de Agosto de 1804. A primeira paragem é numa das ilhas das Canárias, onde defende com entusiasmo a criação de um jardim botânico em Tenerife como território privilegiado para aclimatização de plantas que vinham da Ásia, África e América do Sul para serem introduzidas na Europa, nomeadamente em Portugal.²⁵

Daqui seguem para o México, mas acabam por aportar na cidade de Cumaná na Venezuela. Entre Junho de 1799 a Dezembro de 1800, a viagem prossegue entre a Venezuela e o Brasil. Em Caracas, visitam o cume do monte El Ávila e os vales dos rios Tuy e Aragua, atravessam os grandes *llanos* ou savanas do interior venezuelano e chegam à esmagadora visão do canal do Cassiquiare que une o rio Oricono com o rio Negro em plena bacia amazónica, deixando, pela primeira vez, descrições científicas de cada uma destas pungentes paisagens naturais.²⁶

²⁵ The establishment of a botanical garden at Teneriffe is a very happy idea, on account of the double influence, which it may have on the progress of botany, and on the introduction of useful plants into Europe. For the first idea we have of it we are indebted to the Marquis de Nava, whose name deserves to be recorded with that of Mr. Poivre, and who, habitually engaged in doing good, has made a noble use of his fortune. He undertook, at an enormous expense, to level the hill of Durasno, which now rises as an amphitheatre, and which was begun to be planted in 1795. The marquis thought, that the Canary islands, from the mildness of their climate and geographical position, afforded the most suitable place for naturalizing the productions of the two Indies, and serving as a repository to habituate the plants gradually to the colder temperature of the south of Europe. In fact, the plants of Asia, Africa, and South America, may easily be brought to Orotava; and in order to introduce the bark-tree into Sicily, Portugal, or Grenada, it should be first planted at Durasno, or at Laguna, and the shoots of this tree may afterwards be transported into Europe from the Canaries. (...) We found in it a well-informed gardener, who had been brought up under Mr. Aiton, director of the royal garden at Kew. The earth is raised in terraces, and watered by a natural spring. It has a view of the island of Palma, which appears like a castle in the midst of the ocean.". In Humboldt, Personal Narratives, Chapter II, parágrafo 141, consultado em <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Portugal/rd/alldocuments/did//chk/>.

²⁶ "The Orinoco is one of those rivers which, after many windings, seem to return back towards the region in which they took their rise. After following a westerly and then a northerly course, it runs again to "the east, so that its mouth is almost in the same meridian as its source. From the Chiguire and the Gehette as far as the Guaviare, the Orinoco flows to the west, as if it would carry its waters to the Pacific. It is in this part of its course that it sends out towards the south a remarkable arm, the Cassiquiare, but little known in Europe, which unites with the Rio Negro (called by the natives the Guainia), and offers perhaps the only example of a bifurcation forming in the very interior of a continent a natural connection between two great rivers and their basins". In Aspects of Nature, parágrafo 16. Consultado em <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/25/vid/19/cid/131/tid/3886/text/The-Orinoco-is-one-of-those-rivers-which-after-many-windings-seem-to-return-back-towards-the-regio>.



Figura 1: Alexander von Humboldt, *Géographie des Plantes Équinoxiales*, Material cartográfico: *Tableau physique des Andes et des pays voisins*, Paris: Langlois, 1805. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, C. A. 41 R. <http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/cotas/cartografia.html>

No primeiro capítulo sobre as estepes e os desertos de *Quadros da Natureza*,²⁷ Humboldt descreve a impressão que causa a paisagem do deserto depois de se posar os olhos sobre uma vegetação

²⁷ O texto de Alexander von Humboldt. *Tableaux de la nature, ou Considérations sur les déserts, sur la physionomie des végétaux et sur les caracteres de l'Orénoque*. Traduits de l'allemand par Jean-Baptiste-Benoît Eyriès. F. Schoell. Paris, 1808, conheceu diversas edições. Em 1826 já tinha um título diferente: *Tableaux de la nature, ou Considérations sur les déserts, sur la physionomie des végétaux, sur les caracteres de l'Orénoque, sur la structure et l'action des volcans dans les différentes régions de la terre*. Gide fils. Paris, 1828. Na edição de 1849, Humboldt escreve no prefácio que "En 1826, j'ai publié à Paris la seconde édition des Tableaux de la Nature; j'y joignis deux articles nouveaux, l'un "sur la structure et l'action des volcans dans les différentes régions du globe", l'autre "sur la force vitale ou le Génie de Rhodes" (1849, P. 6). Mais à frente nesse mesmo prefácio lê-se que "A l'âge de quatre-vingts ans j'ai eu encore la joie d'achever une troisième édition de mon livre, et de le refondre entièrement, selon les exigences du temps." (1849, P. 7). Foi por nós consultada a edição Alexandre de Humboldt, *Tableaux de la nature*, Traduits par Ferd. Hoefer. Librairie de Firmin Didot Frères. Paris, 1849, que se encontra online em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k209770f> [cons. 12 de Setembro de 2014]. No prefácio desta edição, assinado pelo tradutor Hoefer, reconhece-se que as constantes adições ao texto inicial em cada uma das edições, fizeram desta terceira edição, quase que um livro novo. Cf. "Enfin, l'année dernière, il fit paraître la troisième édition des Tableaux de la Nature, don't les additions considérables forment en quelque sorte un livre nouveau. Dans ces additions on retrouve la même vigueur de pensée, le même éclat de style, que l'on admire dans la première édition, oeuvre de sa jeunesse.", in *Tableaux de la nature*, 1849, p. 11. Consultada por nós na versão inglesa *Aspects of nature in different lands and different climates with scientific elucidations*. Trans. By Mrs. Sabine. Lea and Blanchard. Philadelphia, 1850. Disponível online: http://www.avhumboldt.net/avhdata/Aspects%20of%20Nature/Vol0/Complete/Vol0_complete.pdf Excertos deste texto foram traduzidos por Gabriela Fragoço (op. Cit. P. 19-98), com o título de *Perspectivas da Natureza*, e sempre que possível esta versão sobrepõe-se às demais.

luxuriante: O caminhante sai da abundância exuberante da vida orgânica e sente-se impressionado quando entra nos limites ermos de um deserto sem árvores e pobre em plantas. Nem monte, nem rochedo se erguem, como ilhéus, naquele espaço incomensurável.²⁸

A extensão incomensurável do deserto é comparável por Humboldt ao oceano,²⁹ por partilharem o mesmo sentimento de infinito, com uma única diferença: a de estar privado do ondular do imenso espelho de água que é o mar.³⁰ Depois das estepes e desertos, Humboldt detém-se num outro tipo de paisagens assombrosas: as cataratas.³¹ E, de todas estas paisagens arrebatadoras, tenta captar a impressão total.

De seguida vão para Cuba onde permanecem até Março de 1801. Antes de terem chegado a Havana, percorrem o rio Negro basicamente pelos territórios da América espanhola, mas também acabam por atingir território português. Ainda correram rumores de que Humboldt estaria em solo brasileiro como espião, mas o boato provou-se não ter qualquer fundamento e a viagem dos dois cientistas prossegue para Cuba, onde Humboldt fica chocado com o escravagismo em vigor nesta parte do mundo e horrorizado com a miséria humana aí observada e escreverá acérridamente sobre o tema.³²

28 Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza...* Op. Cit. P. 27.

29 Humboldt descreve-as assim: "All who possess an ordinary degree of mental activity, and delight to create to themselves an inner world of thought, must be penetrated with the sublime image of the infinite when gazing around them on the vast and boundless sea, when involuntarily the glance is attracted to the distant horizon, where air and water blend together, and the stars continually rise and set before the eyes of the mariner. This contemplation of the eternal play of the elements is clouded, like every human joy, by a touch of sadness and of longing". In Humboldt. *Cosmos: a sketch of a physical description of the universe*. Vol. I, capítulo III, parágrafo 269 (<http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/sublime/rd/alldocuments/did//chk/>.) Estas são as paisagens por excelência do sublime. Cf. Michael S. Reidy e Helen M. Rozwadowski. "The spaces in between: Science, Ocean, Empire". In *Isis*. Vol. 105, nº 2 (June 2014). P. 338-351.

30 Cf. "Comme l'Océan, la steppe remplit l'âme du sentiment de l'infini; et ce sentiment, plus épuré, deviant la source de meditations d'un ordre élevé. Mais l'aspect du miroir limpide de la mer rest égayé par la douce agitation des ondes légèrement écumeuses, tandis que la steppe gît là immobile, comme une masse inerte, comme la croûte rocheuse, nue, d'une planète désolée.". In Humboldt. *Tableaux de la Nature*. Op. Cit. P. 14.

31 Cf. "Je n'étais alors (en 1806) hasardé à réunir de grandes coupes dans un tableau de la nature, et à exposer en assemblée publique des objets qui se dédaignaient pour ainsi dire sur mon âme: maintenant je me renferme dans un cercle plus circonscrit de phénomènes, en esquissant la peinture moins sombre d'une végétation luxuriante et de vallées arrosées de rivières écumeuses. Je vais tracer deux scènes naturelles, empruntées aux solitudes de la Guyane, l'Aturès et le Maypurès, ces fameuses cataractes de l'Orénoque, qu'un petit nombre seulement d'Européens avait visitées avant moi". In Humboldt. *Tableaux de la Nature*. Op. Cit. P. 228.

32 Ver Alejandro de Humboldt. *Alexander von Humboldt: modelo en la lucha por el progreso y la liberación de la Humanidad: Memorial en conmemoración del bicentenario de su nacimiento*. Academia Alemana de Ciencias. Berlín, 1969.

Segue-se, então, a parte principal e mais longa da viagem pela Colômbia, Peru e Equador ao longo de dois anos. Partindo de Cartagena de las Indias na Colômbia, percorrem todo o território da América Central até chegarem à cordilheira dos Andes. Na grande cadeia de montanhas que se estende ao longo da vertente ocidental da América do Sul, desde a Venezuela até à Terra do Fogo, viram cimos planos, de superfícies sub-horizontais escalonadas a diversas altitudes, como se de uma montanha de terraços se tratasse. Durante este período, Humboldt e Bonpland dedicam-se ao estudo da relação que existe entre a flora e o clima, consubstanciando assim o aparecimento da fitogeografia. Nos estudos de climatologia desenvolvidos neste período já utilizam o conceito das linhas isotérmicas (linhas curvas unindo locais com temperatura igual desenhadas sobre um mapa). Em Quito, no Equador, decidem escalar o vulcão Chimborazo, do qual trazem os registos mais espectaculares até então conseguidos.³³ Uma das razões que mais contribuiu para isso foi terem batido o recorde mundial de altitude, conseguindo assim vistas e observações nunca antes alcançadas, apesar de não terem alcançado o pico mais alto, o Illampu de 7014 metros. É deste terceiro período de viagem que resulta do texto *Vues des Cordillères et monuments des peuples indigènes de l’Amérique* editado, entre 1810 e 1813, em Paris, com 69 gravuras em cobre, algumas aguareladas, fazendo chegar até aos meios cultos da Europa notícias concretas sobre a riqueza etnográfica e cultural dos povos nativos da América do Sul e demonstrando que as civilizações ameríndias da América do Sul em nada tinham sido inferiores às suas contemporâneas da bacia mediterrânica, sobretudo no período medieval.

Em Abril de 1804, seguem para Cuba e Estados Unidos, onde permanecem até Agosto desse

³³ “They made separate visits to the snowy and porphyritic mountains of Antisana, Cotopaxi, and Tungurahua, as well as Chimborazo, the highest point of our globe. They studied the geological part of the Cordillera of the Andes, on which subject nothing has been published in Europe, mineralogy (if the expression may be used) having been created, as it were, since the time of La Condamine. The geodetic measurements proved that some mountains, particularly the Tungurahua Volcano, have considerably lowered since 1750, as inhabitants have observed” (Humboldt, *Report*. Consultado em http://www.avhumboldt.net/avhdata/Philadelphia%20Abstract/1/Complete/1_complete.pdf)

ano³⁴. Data de 24 de Maio de 1804 uma carta para o presidente dos Estados Unidos da América, Thomas Jefferson, amigo de Humboldt,³⁵ na qual ele elabora um resumo da sua viagem, elogia Bonpland e sublinha o que o motivou: *My desire to be of use to the physical sciences and to study mankind in its different states of barbarism and culture inspired me in 1799 to undertake, at my own expense, an expedition to the tropics*.³⁶ E durante essa expedição, descrita em 35 tomos, destacou-se o texto das *Vistas das Cordilheiras*, precisamente por revelar as paisagens assombrosas e incomensuráveis dos Andes.

As *Vistas das Cordilheiras* e uma nova ideia de paisagem

Quem coloca a *Vista das Cordilheiras*³⁷ de Humboldt como o texto inaugural do século³⁸ da escolado jardim de paisagem é o especialista Jean-Pierre Le Dantec.³⁹ Porquê? Como é que a

³⁴ Uma descrição completa da viagem pode ser encontrada na obra de Humboldt. *Plantes équinoxiales recueillies au Mexique: dans l'île de Cuba, dans les provinces de Caracas, de Cumana et de Barcelone, aux Andes de la Nouvelle Grenade, de Quito et du Pérou, et sur les bords du rio-Negro de Orénoque et de la rivière des Amazones*.

³⁵ O conceito de amizade é lato e pode-se aplicar deste o mero conhecido pelo qual se sente empatia até ao valor de uma amizade fraterna e para a vida. Alguns autores vêem com alguma desconfiança a amizade, pelo menos cordial de pessoas importantes de continentes diferentes que se encontram algumas vezes ao longo da vida, como Douglas Botting (1973), para quem o facto de Thomas Jefferson, já Presidente dos EUA, o ter recebido se prendia com uma tentativa política de tirar partido dos conhecimentos adquiridos durante a viagem.

³⁶ Cartã para Jefferson de 24 de Maio de 1804, traduzida para inglês por J. Rogers, F. Baron, S. Rebok. Consultável online em Humboldt Digital Library. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/37/vid/51/cid/272/tid/10174/text/iEnglish-Translation-JRogers-FBaron-SRebokibrMr-President-brHaving-arrived-from->

³⁷ *Vues des Cordillères, et monuments des peuples indigenes de l'Amérique*. F. Schoell. Paris, 1810; com 2ª edição publicada pelo mesmo editor em 1813. Em inglês, a primeira versão data de 1814, *Researches, concerning the institutions & Monuments of Ancient Inhabitants of America, with descriptions and views of some of the most Striking Scenes in the Cordilleras!* Written in French by Alexander de Humboldt, & translated into English by Helen Maria Williams. Published by Longman, Hurst, Rees, Orme & Brown, J. Murray & H. Colburn. London, [1814], consultada online http://books.google.pt/books?id=qttS5c_70XIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false.

³⁸ Que acaba por ser o século XIX com diversas correntes da escola paisagista, apesar do jardim de paisagem ter surgido em Inglaterra na primeira metade do século XVIII.

³⁹ No capítulo V do livro *Jardins et Paysages* intitulado *Le siècle du style paysager* encontra-se em primeiro lugar citado o texto de Alexander von Humboldt, seguido do *Rapport concernant une villa à Streatham appartenant au comte de Coventry* (1816) de Humphry Repton (1752-1818); *Plans raisonnés de toutes les espèces de jardins* (1820) de Gabriel Thouin (1747-1829); *Encyclopédie du jardinage* (1822) de John-Claudius Loudon (1783-1843); *Esthétique* (1835) de Georg-Wilhelm-Friedrich Hegel (1770-1831); *Instructions à propos du jardinisme paysagiste* (1834) de Hermann Louis Henri von Puckler-Muskau (1785-1871); *Le Domaine d'Arnheim* (1842) de Edgar Allan Poe (1809-1849); *Les Fleurs du mal*, "Paysage" (1857) de Charles Baudelaire (1821-1867); *Les Promenades de Paris* (1867) de Adolphe Alphand (1817-1891); *Les parcs publics et l'agradissement des villes* (1870) de Frederick Law Olmsted (1822-1903); *L'Art des jardins* (1863) de Paul de Choulot; *L'Art des jardins. Traité général de la composition des parcs et jardins* (1879) de Édouard-François André (1840-1911). Cf. Jean-Pierre Le Dantec. *Jardins et Paysages*. Larousse. Canada, 1996.

viagem de Humboldt, as paragens por ele observadas, e as suas ideias sobre paisagem influenciaram a escola paisagista?

Humboldt escreve no prefácio da primeira edição da *Vues des Cordillières et monuments des peuples indigènes de l’Amerique* (1810):

*É com alguma timidez que faço chegar ao público uma série de trabalhos nascidos da contemplação dos grandes elementos naturais nos oceanos, nas florestas do Orinoco, nas estepes da Venezuela, na solidão das montanhas peruanas e mexicanas. Alguns fragmentos foram escritos in loco, tendo-me eu limitado a fundi-los posteriormente num todo. Esforcei-me por alcançar os seguintes objectivos: fornecer uma visão englobante da natureza, comprovar a existência de um trabalho conjunto de energias, renovar o prazer que é dado ao homem sensível no contacto directo com as zonas tropicais. Era minha intenção que cada um dos ensaios constituísse um todo fechado em si, e que todos eles revelassem uniformemente a mesma tendência.*⁴⁰

O objectivo maior de Humboldt consiste em fazer progredir vários campos do saber, não de forma isolada, mas sim interligados e em articulação com o todo que é o próprio universo. É, neste sentido, que se compreende a sua vontade de inserir todas as suas descobertas e resultados numa obra total. Com a ambição de descrever o universo, Humboldt oferece à comunidade científica e ao leitor comum uma visão holística da Terra, enquanto organismo vivo, com estruturas interdependentes e solidárias umas com as outras. Só assim se percebe como Humboldt conseguiu relacionar a geografia das cordilheiras dos Andes com a pintura de paisagem e a arte paisagista.

⁴⁰ Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza...* Op. Cit. P. 21.



Figura 2: Julius Schrader, Retrato de Humboldt com Chimborazo em pano de fundo. Metropolitan Museum of Art. http://en.wikipedia.org/wiki/Alexander_von_Humboldt#mediaviewer/File:Baron_Alexander_von_Humboldt_by_Julius_Schrader_1859.jpg

O próprio Humboldt desenhava e pintava. É, aliás, no acto de desenhar a natureza que a maioria dos retratistas o prefere representar. Parece-nos evidente que Humboldt viu a paisagem tropical, a paisagem andina e a paisagem do deserto com os olhos de um pintor. Para Humboldt, para além dos

seus interesses científicos, a pintura de paisagem adquiriu um papel relevante pois era um meio, cuja finalidade era despertar, no observador, o amor pelo conhecimento da natureza e, neste sentido, uma responsabilidade ecológica e cultural perante a paisagem.

Por todas estas razões, Le Dantec irá afirmar que a obra de Humboldt foi decisiva em termos de paisagem: *outré qu'elle en a assuré géographiquement la notion, elle a élargi la conscience de ses contemporains en faisant découvrir de nouveaux paysages de toute la planète (car Humboldt voyagea aussi en Asie centrale).*⁴¹ Entre as imagens de paisagens incluídas na *Vistas das Cordilheiras*: pontes naturais do Icononzo (P. 63); Pirâmide de Cholula (P. 96); vista do Chimborazo e do Carguairazo (P. 276);⁴² ponte de cordas de Pénipe (P. 187); vulcano de Torullo (P. 215); lago de Guatavita (P. 340)”,⁴³ Le Dantec escolhe para ilustrar o trecho do texto de Humboldt as pontes naturais de Icononzo. Pela descrição redigida por Humboldt destas mesmas pontes, conseguimos perceber a seleção de Le Dantec:

*Parmi les scènes majestueuses et variées que présentent les Cordillères, les vallées sont ce qui frappe le plus l'imagination du voyageur européen. [...] Cette circonstance diminue, jusqu'à un certain point, l'impression de grandeur que produisent les masses colossales du Chimborazo, du Cotopaxi et de l'Antisana, vues des plateaux de Riobamba et de Quito. Mais il n'en est point des vallées comme des montagnes. Plus profondes et plus étroites que celles des Alpes et des Pyrénées, les vallées des Cordillères offrent les sites les plus sauvages et les plus propres à remplir l'âme d'admiration et d'effroi.*⁴⁴

⁴¹ Jean-Pierre Le Dantec. Op. Cit. P. 249.

⁴² Vues des Cordillères. Op. Cit.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Humboldt. *Vues des Cordillères*. In: Le Dantec. Op. Cit. P. 264.

Apesar da preferência de Humboldt por vales profundos e escarpados, Chimborazo – o mais emblemático vulcão da Cordilheira Ocidental dos Andes, atualmente inactivo – tornou-se a imagem simbólica da expedição científica de Humboldt à América do Sul e a visão do império. No seu último ano de vida, o pintor alemão Julius Friedrich Anton Schrader (1815-1900), professor da Academia de Berlim, realiza o retrato de Humboldt de caderno sobre os joelhos com caneta na mão a registar as suas observações, com Chimborazo em pano de fundo.

Em 23 de Junho de 1802, Alexander von Humboldt, Aimé Bonpland, Carlos Montúfar e três guias escalam o pico andino Monte Chimborazo,⁴⁵ que se pensava então ser o mais alto do mundo. A descrição desta parte da viagem foi publicada em 1837, depois de se ter descoberto que os Himalaias eram efetivamente a montanha mais alta do mundo. Contudo, Chimborazo foi divulgado iconograficamente muito antes. A primeira representação de Chimborazo – uma gravura⁴⁶ baseada num desenho de 1803 –, evidenciava as zonas de vegetação e climatéricas, glaciares, erupções vulcânicas, nomes de plantas, observações geológicas e meteorológicas, e medidas da altitude do vulcões andinos Cotopaxi e Chimborazo. Um dos aspetos mais originais desta imagem são os nomes botânicos inseridos horizontalmente, na diagonal e representando plantas que Humboldt encontrou e catalogou nas várias altitudes, dando início à fitografia. Caroline Schaumann⁴⁷ sublinha o facto de Humboldt ter resistido à leitura comparativa, de olhar para o novo mundo como um espelho do velho mundo e de não ter a Europa como ponto de referência, mas ter exclusivamente representado o pico andino.⁴⁸

⁴⁵ Que foi depois representado por Johann Wolfgang von Goethe em 1807, por Rainer Simon num filme de 1989 e no besteseller de Daniel Kehlmann. Vide Caroline Schaumann. "Who measures the world? Alexander von Humboldt's Chimborazo Climb in the Literary Imagination". In *The German Quarterly*. Vol. 82, nº 4 (Fall 2009). P. 447-468.

⁴⁶ Colocada como capa da sua obra *Géographie des plantes équinoxiales*, publicada em Paris por Langlois em 1805.

⁴⁷ Caroline Schaumann. "Who measures the world? Alexander von Humboldt's Chimborazo Climb in the Literary Imagination". In *The German Quarterly*. Vol. 82, nº 4 (Fall 2009). P. 452.

⁴⁸ O que precisamente não costumava acontecer. A perceção da paisagem dependia da referência que os cristãos levavam da Europa. Ver Ana Duarte Rodrigues. "Brazilian landscape perception through literary sources from the 16th to the 18th centuries", in *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires*. ICS. Lisboa, 2015 (no prelo).

Ciente do interesse do público na sua escalada e no que observou e registou, Humboldt deixa no seu ensaio um certo mistério entre o que é dito e o que fica por dizer, oscilando entre a imagem do sucesso e do falhanço, entre a grandiosidade e a humildade, numa linguagem repleta de superlativos e ao mesmo tempo negando-os. Por exemplo, nega sempre que tenha atingido o topo da montanha quando na Europa já se anunciava e comemorava o facto. Segundo Caroline Schaumann, Humboldt não deixa antever todo o alcance científico da sua expedição, pois há muito que fica ao critério da imaginação do leitor.⁴⁹



Figura 3: Cordilheira dos Andes, norte da Argentina. Fotografia de Teresa Paiva.

⁴⁹ Caroline Schaumann. Op. Cit. P. 454.

Humboldt tentava aliar ciência e representação das paisagens e dos monumentos pois num capítulo da sua grande obra *Cosmos* intitulado *Influência da pintura de paisagem sobre o estudo da natureza*, ele escreve: *Nós acreditamos que a pintura de paisagem deve apontar aquilo que ainda não vimos*.⁵⁰ Humboldt queria dar a conhecer através da arte a região dos trópicos àqueles que nunca a tinham visto. Esta será a sua primeira grande ideia sobre pintura de paisagem, pois nas suas palavras *Fazer esquisos face a cenas da natureza é o único meio de poder, no retorno de uma viagem, retratar o carácter das características longínquas, nas paisagens representadas*.⁵¹

Humboldt cruza estética e ciências naturais e reconhece tratar-se de um desafio difícil, pois a beleza que rodeia o observador fazem nascer no seu espírito uma série de imagens parciais que perturbam a serenidade e o efeito geral do quadro, a sua impressão total.⁵² Tratou-se, sem dúvida, da figura que mais valorizou, sob o ponto de vista estético, as paisagens incalculáveis da América e que permaneciam praticamente desconhecidas aos olhos dos europeus, levando Gabriel Giraldo Jaramillo a escrever sobre *Humboldt y el descubrimiento estético de América*.⁵³

Neste sentido, em Alexander von Humboldt, a categoria estética do sublime manifesta-se na sua maneira de pensar e na sua postura perante a beleza e a natureza, que se expressa especialmente na observação das altas montanhas, aproximando-se dos conceitos veiculados por Kant no seu ensaio *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* (1764). Kant considera que a visão de montanhas com cumes cobertos de neve que se elevam acima das nuvens produz em nós uma

⁵⁰ Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza...* Op. Cit. P. 135.

⁵¹ Ibid.

⁵² Cf. "L'impression que laisse en nous le spectacle de la nature est provoquée moins par la physionomie particulière du paysage, que par la lumière sous laquelle se détachent monts et champs, tantôt éclairs par l'azur du ciel, tantôt assombris par un nuage flottant. De même la peinture de scènes naturelles nous impressionne plus ou moins vivement, suivant qu'elle est plus ou moins en harmonie avec les besoins de nos sentiments.", in Humboldt. *Quadros da Natureza*. Op. Cit. P. 228.

⁵³ Imp. Cromotip. Caracas, 1959.

emoção de agrado e ao mesmo tempo de terror, o que é corroborado por Humboldt, já imbuído do sentimento romântico pela *Naturphilosophie*, Filosofia da Natureza:

*The feeling of the sublime [...] stand on some lonely mountain summit enveloped in the half-transparent vapory vail of the atmosphere, or by the aid of powerful optical instruments scan the regions of space, and see the remote nebulous mass resolve itself into worlds of stars.*⁵⁴

A obra de Humboldt foi decisiva em termos de paisagem: não só em termos do rigor científico exigido à representação da paisagem; das novas espécies dadas a conhecer aos Europeus; mas, sobretudo, porque alargou geograficamente a noção de paisagem fazendo os seus contemporâneos descobrir novas paisagens em todo o planeta. Para além disso, estimula e é estimulado pelo sentimento do sublime perante as novas paisagens assombrosas de montanhas e vulcões, de profundas escarpas e desfiladeiros, de estepes e desertos, construindo através da sua escrita de viagens, imagens e textos inaugurais do jardim de paisagem. Os textos de Humboldt participam na emergência da leitura científica da paisagem em que o ato de medir, de estudar, de avaliar permitem racionalizar o sublime como incomensurável: aquilo que está para além da capacidade de medir do homem. Até que ponto as novidades de Humboldt terão tido impacto em Portugal?

A relação entre Humboldt e Eschwege

Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), barão de Eschwege,⁵⁵ foi contratado por D. Fernando de Saxe-Coburgo Gotha (1816-1885), marido da rainha de Portugal D. Maria II (1819-1853), para

⁵⁴ Humboldt. *Cosmos: a sketch of a physical description of the universe*. Vol. I, capítulo I, parágrafo 30, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/sublime/rd/alldocuments/did//chk/>.

⁵⁵ Sobre Eschwege há uma pequena nota no Dicionário dos Arquitectos de Sousa Viterbo. Vol. I. P. 300. Existe uma biografia mais completa do barão de Eschwege, mas que só destaca o seu papel enquanto especialista em minas, sem valorizar a sua amizade com Goethe e Humboldt: Waldemar de Almeida Barbosa. Barão de Eschwege. Edição da Casa de Eschwege. Belo Horizonte, 1977. Porém, no livro Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege. Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 1996, as amizades com Goethe e Humboldt são destacadas. Este livro descreve todas as publicações de Eschwege referentes a Portugal (P. 28-32) e referentes ao Brasil (P. 32-42). A nota biográfica mais recente é a de Jorge Muchagato. O Palácio e o Parque da Pena. O Palácio da Pena. Vol. II. Parques de Sintra-Monte da Lua. Sintra, 2010. P. 41-47.



Figura 4: Friedrich Georg Weitsch, Humboldt, Bonpland na planície de Tapia, com Chimborazo ao fundo, então considerada a mais alta montanha do mundo, 1810. http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/72/Humboldt-Bonpland_Chimborazo.jpg

com ele, projetarem o palácio e parque da Pena em Sintra, no qual o engenheiro alemão passa depois a viver num quarto.⁵⁶

D. Fernando II terá convidado Eschwege porque a construção do palácio naquele local de penedos da Serra de Sintra exigia os seus conhecimentos de geologia.⁵⁷ Se reconhecemos D. Fernando

⁵⁶ Cf. "Cintra 26 de Junho de 1842 ... Tendo o costume de me estender sobre o canape todas as vezes que eu pego n-hum livro p. A ler, achava-me nesta posi;ao no dia 18 deste mez as 2 horas de tarde no meu quarto do Palacio acastellado da Pena, quando senti o tal estremecer, e estando hum copo com agua adiante de mim, sobre o qual tinha por acaso fixado os meus olhos vi claramente como no mesmo momento o fluido principiava a fibrar, estremecendo por alguns segundos, e tomando logo outra vez sua immobildade natural a qual nao podia ser alterada por nenhuma correnteza d-ar [...]". Biblioteca Nacional de Portugal, MSS. 261, nº 43/22.

⁵⁷ O que já fora notado por José Martins Carneiro. O imaginário romântico da Pena. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2002. Vol. I. P. 128 e Jorge Muchagato. Op. Cit. P. 45. Um documento do barão de Eschwege para o mestre João Henriques sobre o andamento dos trabalhos da Pena revela como a construção naquele local requeria cuidados especiais. Cf. Jorge Muchagato. Op. Cit. Vol. II. P. 376-377.

particularmente sensível a Goethe, Schiller e Burke (1729-1797), a verdade é que o barão de Eschwege também fazia parte do mesmo círculo alemão adepto da *Naturphilosophie*. Para além disso, vivera na América do Sul e era amigo de Alexander von Humboldt e, nesse sentido, recetor privilegiado dos acontecimentos e descobertas científicas e artísticas alcançadas por Humboldt e Bonpland na América do Sul. João Antônio de Paula considera que *Humboldt é o homem de ciência que talvez mais tenha influenciado Eschwege*.⁵⁸ Na verdade, se a bibliografia produzida sobre Portugal por Eschwege é essencialmente relativa à questão das minas,⁵⁹ o seu *Diário do Brasil* aproxima-se muito do que Humboldt escreveu durante a sua rota pelo império espanhol, dedicando algumas páginas a uma tribo selvagem dos índios coroados; a corrigir alguns erros sobre a geografia do Brasil; a indicar quais os importantes remédios vegetais encontrados (tal como Humboldt escreveu sobre o veneno *curare*); a registar importantes observações meteorológicas; e a escrever sobre os metais preciosos assim como sobre a botânica. A influência de Humboldt também se faz sentir na sua obra *Brasil, Novo Mundo*, em resultado da estadia de Eschwege durante onze anos no Brasil e na qual descreve peripécias de viagem, aldeamentos de índios, descoberta de diamantes, o fenómeno da maré montante e as rochas encontradas.⁶⁰ Retomando o texto de João Antônio de

⁵⁸ Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege. Op. Cit. P. 20.

⁵⁹ Eschwege. Relatório abreviado sobre o estado actual da administração das minas de Portugal. Lisboa: Typ. Carvalho, 1826; e do mesmo autor Memória sobre a História Moderna da administração das minas em Portugal. Lisboa: Academia R. das Sciências, 1838; Odologia dos engenheiros constructores ou guia para a construção e conservação das estradas em Portugal e no Brasil, Lisboa: Typ. Da Sociedade Propaga obra dos conhecimentos Úteis, 1843.

⁶⁰ “As belezas admiráveis da baía prendiam a atenção do viajante e despertavam a admiração do espectador, oferecendo matéria para o mais agradável divertimento. No primeiro plano, grandes ilhas dotadas de grandes edifícios e moradias menores, em meio a palmeiras, verdadeiras chácaras atraentes, tão românticas que só um poeta poderia descrevê-las. Ao longe, no fundo da baía, grupos de ilhas verdejantes e rochedos desnudos, que pareciam flutuar no espaço. Centenas de embarcações pequenas de brancas velas enfunadas parecem, à distância, borboletas que levam a todos os lados o bater de suas asas para se perderem, finalmente, nos fundos da enseada; ali, uma perspectiva marítima ilimitada, entre o forte de Santa Cruz, de pedra, à esquerda, e o elevado cone montanhoso do Pão de Açúcar à direita; em seguida, os mastros apenas perceptíveis de uma poderosa nau de guerra, o casco semi-oculto pela curvatura do globo, enquanto um outro colosso naval saúda seus irmãos ancorados, mal-entrevisto na fumarada das salvas. Todos esses quadros naturais ou de construção humana despertam-nos um sentimento singular e agradável, para o qual não existem palavras. Apenas somos capazes de murmurar: Que beleza! Que magnífico!”. E mais à frente “Tudo isso nada é senão o retrato de uma trilha na selva e de suas dificuldades, que nenhuma compensação oferece ao viajor senão a paisagem que desfruta e a coleta de objectos de interesse do naturalista (o botânico e o zoólogo, principalmente, e o mineralogista, em segundo plano). Em batalha, saímos finalmente da mata virgem espessa, quando então avistamos a zona dos campos, onde se respira mais livremente. A paisagem verdejante das colinas e baixadas, cobertas de capim verdejante ou de arbustos, oferece uma vista agradável e surpreendente. As espécies vegetais das altitudes elevadas apresentam características diversas e até mesmo muitos animais são diferentes. Essa impressão agradável que se tem inicialmente é logo dissipada, porém, já que a vista sempre alcança os mesmos campos, num chapadão desprovido de cultivo, rasgado por fossos. A aparência dos campos é sobremaneira entristecedora durante o estio, quando fica esturricada a cobertura vegetal. Não se observa nenhuma actividade humana e nada dá vida à extensa região”. In Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege (1824). In João Antônio Paula. Op. Cit. P. 57 e 61.

Paula, este acrescenta que *Humboldt é, em mais de um sentido, um exemplo e um estímulo*⁶¹ para Eschwege. E, apesar de o autor citar sobretudo os livros sobre a política de Cuba como influentes para Eschwege, porque era o assunto que mais lhe interessava, acreditamos que a influencia de Humboldt sobre Eschwege foi mais vasta e que podem explicar de algum modo como o diretor de minas, a dada altura da sua vida, acabava por criar, juntamente com o encomendador, é certo, uma das obras-primas do Romantismo europeu de influência alemã, não só na arquitetura, mas na criação de paisagem cultural.

Quando Humboldt viajava pela América do Sul, em 1803, Eschwege chegava a Portugal, encarregado dos serviços metalúrgicos nas minas de ferro e fornos do Alge. Mas depois das invasões francesas foi para o Brasil trabalhar como especialista e diretor das minas do ouro. É desta altura que os maiores contributos sobre a geografia do Brasil realizados por Eschwege devem ter sido dados sob a forma de manuscrito a Humboldt.⁶²

No seu diário de viagem, Humboldt utiliza muitas vezes conhecimentos e dados recolhidos pelo barão de Eschwege, que identifica como sendo o director geral das minas de ouro da província de Minas Gerais, como, por exemplo, as medidas barométricas e as observações realizadas em diferentes partes do Brasil.⁶³ Humboldt também utiliza os registos e observações de Eschwege a

⁶¹ Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege. Op. Cit. P. 20.

⁶² Como faz prova as notas manuscritas que Humboldt diz ter recebido de Eschwege: "(...) according to manuscript notes kindly furnished me by the baron d'Eschwege, director-general of the mines of Brazil (...)" (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, 1818, parágrafo 162, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>).

⁶³ "Epsilon. Groupe of the Mountains of Brazil. This groupe has hitherto been figured on the maps in as singular a manner as the mountains of the Iberian Peninsula, Asia Minor and Persia. The temperate table-lands and real chains of 300 to 500 toises high, have been confounded with countries excessively hot, and of which the undulating surface presents only ranges of hills variously grouped. The excellent barometric measures of Baron Eschwege, director general of the gold mines in the province of Minas Geraes, and the observations made in different parts of Brazil by the prince of Neuwied, MM. Auguste de Saint Hilaire, Olfers, Spix, Pohl, and Martius, have recently thrown great light on the orography of Portuguese America. The mountainous region of Brazil, of which the mean height rises at least to 400 toises, is comprehended within very narrow limits, nearly between 18° and 28° south latitude; it does not appear to extend, between the provinces of Goyaz and Mato Grosso, beyond 53° of longitude, west of the meridian of Paris". Cf. Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 72. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>



Figura 5: Albin René Roussin e Barão de Eschwege, Carta da costa do Brasil entre Santa Cruz e Cabo de S. Tomé-Espírito Santo/Les côtes de cette carte sont dessinées daaprès les observations et les cartes de Mr. Baron de Roussin, Laintérieur daaprès une carte manuscrite dressée par Mr. G. Daeschwegeen 1821, et daaprès autres donnés plus recentes, [S.I.: s.n., post 1821]. Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, C. C. 228 A. <http://purl.pt/3445>

propósito do clima⁶⁴ e cita Eschwege sempre que tem de descrever o Brasil, como a cordilheira Serra do Mar, a nordeste do Rio de Janeiro;⁶⁵ a Serra do Espinhaço, que diz ainda ser considerada por Eschwege como a principal de toda a estrutura das montanhas do Brasil;⁶⁶ ou a Serra dos Vertentes.⁶⁷ Humboldt também cita Eschwege a propósito de algumas plantações, pois diz que o seu conterrâneo tinha obtido informações precisas sobre cultivadores espanhóis que tinham ido de Cochabamba para Villabell⁶⁸ e utiliza obviamente os conhecimentos de Eschwege sobre os minerais que este identificou no Brasil.⁶⁹

Ora, como Eschwege só foi para o Brasil depois de Humboldt ter regressado da viagem à América

⁶⁴ Places where it has been often too lightly asserted that the periodicity of the atmospheric tides is irregular, have been discovered, after mature examination, to present the greatest regularity in the epochas of the maxima and the minima. M. d'Eschwege found those epochas precisely si"milar to those of Cumana, in the low and hot part of Brazil, bounded by the two chains of the Espinhaço and the shore, for instance at San Joao Baptista, in the missions of the Caraoatos Indians" (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805, Vol. V, 1818, parágrafo 203, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>)

⁶⁵ "A coast chain (Serra do Mar) extends nearly parallel with the coast, northeast of Rio Janeiro, lowering considerably towards Rio Doce, and losing itself almost entirely near Bahia. According to Mr. Eschwege, some small ridges reach Cape Saint Roque. South-east of Rio Janeiro, the Serra do Mar follows the coast behind the Isle Saint Catherine as far as Torres; it there turns towards the west and forms an elbow stretching by the Campos of Vacaria, towards the banks of the Jacuy." Cf. Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 75. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>

⁶⁶ "Another chain lies west of the shore chain of Brazil, the most lofty and considerable of all, that of Vilharica, which Mr. Eschwege marks by the name of Serra do Espinhaço, and considers as the principal part of the whole structure of the mountains of Brazil." (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 76, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>).

⁶⁷ "Mr. Eschwege has named the groupe of mountains of Goyaz the Serra dos Vertentes, because it divides the waters between the southern tributary streams of Rio Tucantines. It runs towards the south beyond the Rio Grande (Parana), and approaches in 23º latitude, by the Serra do franca, the Espinhaço. It attains only 300 to 400 toises of height, with the exception of some summits N. W. of Paracatu, and is consequently much lower than the chain of Villarica." (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 78, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>). Todas estas descrições constituem perspectivas no tempo de Eschwege, muitas delas hoje com reconhecidos erros geomorfológicos. Por exemplo, a Serra do Mar estende-se para o sul do Rio de Janeiro e ultrapassa o Estado de São Paulo. Outros especialistas de geografia contestam a utilização do próprio conceito de montanhas aplicado ao Brasil, onde dizem não existirem.

⁶⁸ "M. Eschwege obtained precise information from some Spanish planters, who came from Cochabamba to Villabell, on the continuity of those basins or savannahs" (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 77, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>).

⁶⁹ "M. d'Eschwege saw at Brazil, some layers of diotite, but neither trachyte, basalt, dolerite, nor amygdaloide; and he was therefore more surprised to see, in the vicinity of Rio Janeiro, an insulated mass of phonolithe, entirely similar to that of Bohemia, pierce of gneiss soil." (Humboldt. Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1805. Vol. V, parágrafo 160, <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>).

do Sul em 1804, estes dados só podem ter sido acrescentados posteriormente ao seu diário de viagem, confirmando a troca de manuscritos que terá existido entre eles.

Na carta datada de 16 de Dezembro de 1845 ao brigadeiro do conselho de D. João VI, Marino Miguel Franzini (1779-1861), Wilhelm Ludwig von Eschwege refere-se à obra “Cosmos” de Alexander von Humboldt. Ficamos a saber por este documento que Eschwege não era só um interlocutor privilegiado de Humboldt mas tinha, aliás, traduzido e estudado trechos da sua obra do alemão para português com a finalidade de serem lidos alto na Academia Real das Ciências de Lisboa:

Illmo Sr. M. M. Franzini

Meu prezado am.

Aqui remetto a V. S. A continuação e o fim da traduzam do extracto do kosmos, e deste modo ganhara tempo para a correção dos defeitos da linguagem p. a ler na Academia e p. Fazer ⁷⁰imprimir depois na Revista. Falei ao Conde do Lavradio que veio outro dia comigo p. Cintra da d.ta obra, e elle esta com mtos desejos de saber alguma coisa della, principal.te conhecendo elle pessoalm.te o Humboldt. Se o tempo se conservar tam bonito, parece me que nao irei a Lisboa nos dias Santos, e so irei as vespas do anno bom [...]

Estes documentos inéditos provam a admiração de Eschwege pela obra de Humboldt, que recebia em primeira mão a obra de Humboldt e era a personalidade que a traduzia para a Academia das Ciências de Lisboa, para além da longa troca de conhecimentos científicos entre os dois. Em vista de todas estas razões parece-me que o alcance da obra de Humboldt que fez Le Dantec identificar como paradigmática para a construção de jardim de paisagem, teve todos os canais para ter impacto na obra de Eschwege enquanto arquiteto do parque e palácio da Pena, que se ergue como o pico de uma montanha escarpada e pontuada de penedos.

⁷⁰ Biblioteca Nacional de Portugal, MSS. 261, n. 43/21.



Figura 6: Palácio e Parque da Pena, Sintra, Portugal. (Parques de Sintra/Wilson Pereira)

Na obra de Jorge Muchagato, que publica toda a documentação sobre o Palácio e Parque da Pena, há dois documentos publicados sobre Eschwege e os trabalhos da Pena: um em que ele dá ordens a mestre João Henriques para orientar os trabalhos na sua ausência e, outro que revela uma desavença com Joaquim Narciso Possidónio da Silva sobre a direcção das obras no Palácio da Pena, em que Eschwege afirma *o que respeita a construção de Edifícios me lisonjeo ter eu mais pratico para saber o que convem ou não*.⁷¹ Somam-se a estes, as cartas aqui publicadas, pelo que face ao momento actual da investigação é impossível apresentar provas definitivas sobre como a influência da viagem de Humboldt à América do Sul na escola paisagista ligada ao sublime teve

⁷¹ In Jorge Muchagato. Op. Cit. Vol. II, doc. nº 24 (P. 376-377) e doc. nº 26 (P. 381).

consequências na construção do Palácio e Parque da Pena, nomeadamente através do seu arquitecto, o barão de Eschwege, que o construiu em co-autoria com o rei artista. Parece-nos, no entanto, legítimo apresentar esta hipótese de investigação, dada a descoberta de um relacionamento contínuo entre Humboldt e Eschwege.

Conclusão

Em jeito de conclusão, mas sem fechar a discussão, podemos dizer que catapultámos para a discussão sobre as influências da construção paisagística de Sintra em Oitocentos uma figura maior da Ciência. Esta questão deve ser encarada sem relação causa-consequência, mas sob um ponto de vista em que tudo está interligado, à boa maneira humboldtiana. A formação de Eschwege não era a de arquiteto e, no entanto, a obra que aparece sob os nossos olhos não é propriamente a de um *curioso*. É uma obra atualizada face às grandes correntes teórico-filosóficas e arquitectónicas do seu tempo, e ao mesmo tempo única no que diz respeito ao entendimento do *genius loci*, que é, para quem conhece Sintra, a imagem paisagística por excelência do sublime, como já fora descrita por Carl Israel Ruders, *a vista de, prazer e terror*.⁷²

Acreditamos que a partilha dos princípios filosóficos e dos conceitos artísticos do círculo da *Naturphilosophie* a que Goethe, Humboldt e Eschwege pertenciam na senda de Kant e Burke, constitui a circunstância vital para compreender o arrojo artístico e profundidade técnica e conceptual que permitiu depois de uma vida como diretor de minas, construir o espaço da Pena. O parque e palácio da Pena consubstanciam o momento em que ocorreu o desenhar/construir paisagem a partir da mediação científica em Portugal.

As inter-relações e as conexões existentes ou concomitantes entre a viagem filosófica de Humboldt

⁷² Carl Israel Ruders. Viagem em Portugal 1798-1802. Vol. I, carta XII. P. 133.

à América do Sul e uma nova ideia de paisagem são os eixos em que ancora o estudo deste caso em que arte e ciência concorrem e se complementam ao mesmo tempo. Mas a questão nova deste trabalho foi apontar por que vias esta viagem parece ter contagiado Eschwege. A verdade é que ele próprio fora protagonista de um périplo pela América do Sul, mas desta feita na rota do império português. Amigo como fora de Humboldt, com quem se terá encontrado em Paris em 1821, absorveu a sua obra de forma até a querer seguir-lhe as pisadas e, sobretudo, partilhava em pano de fundo toda a construção teórico-filosófica que tinha nascido e progredido por terras e culturas germânicas. Ao descrever as suas impressões sobre as florestas da América do Sul, Humboldt diz que se o viajante

*for sensível às belezas paisagísticas, terá dificuldade em exprimir sentimentos que o assaltam. Não sabe o que o fascina mais e o que mais estimula o seu assombro: se a serena calma do isolamento, se a beleza individual e o contraste de formas, se a pujança e o viço do mundo vegetal característicos do clima das zonas tropicais.*⁷³

O esmagamento causado pela frieza dos Alpes foi substituído pelo assombro causado pelas estepes, pela vegetação luxuriante, pelos vales profundos e rochosos e cordilheiras com picos achatados da paisagem da América do Sul. O sublime ganha aqui os fortes contrastes da paisagem exuberante e dos penedos escarpados e foi com estes valores românticos que se construíram o palácio e parque da Pena em Sintra.

⁷³ Humboldt e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza...* Op. Cit. P. 116.

Manuscritos

Biblioteca Nacional de Portugal, MSS. 261, nº 43/21.

Biblioteca Nacional de Portugal, MSS. 261, nº 43/22.

Bibliografía

AAVV, *Unity of nature: Alexander von Humboldt and the Americas*. Americas Society/Kerber. New York, Bielefeld, 2014.

Adriana Veríssimo Serrão (coord.). *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2011.

Alejandro de Humboldt. *Alexander von Humboldt: modelo en la lucha por el progreso y la liberación de la Humanidad: Memorial en conmemoración del bicentenario de su nacimiento*.

Academia Alemana de Ciencias. Berlín, 1969.

Alexandre de Humboldt. *Cosmos: essai d'une description physique du monde*, trad. H. Faye e Ch. Galusky. Gide e J. Baudry. Paris, 1848-1855.

Idem. *Cosmos: a sketch of a physical description of the universe*. Vol. I, capítulo III, parágrafo 269: <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/sublime/rd/alldocuments/did//chk/>. (12 de Setembro de 2014)

Idem. *Tableaux de la nature*. trad. Ch. Galusky. Gide e J. Baudry. Paris, s.d. <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k209770f> (12 de Setembro de 2014).

Idem. *Vues des cordillères et monuments des peuples indigènes de l'Amérique*. L. Bourgeois-Maze. Paris, 1816. http://books.google.pt/books?id=qttS5c_70XIC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false (5 de Setembro de 2014)

Idem. *Report*. http://www.avhumboldt.net/avhdata/Philadelphia%20Abstract/1/Complete/1_complete.pdf

(12 de Setembro de 2014)

Idem. *Carta para Jefferson de 24 de Maio de 1804*, traduzida para inglês por J. Rogers, F. Baron, S. Rebok. Consultável online em Humboldt Digital Library: <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/37/vid/51/cid/272/tid/10174/text/iEnglish-Translation-JRogers-FBaron-SRebokibrMr-President-brHaving-arrived-from->

(12 de Setembro de 2014)

Idem. *Histoire de la Géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux XVe et XVIe siècles*. Libr. Des Sciences Naturelles et des Arts Illustrés. Paris, 1984.

Idem. *Nóções de los escritores antiguos sobre la existencia de tierras occidentales*. Talleres Gráficos Rehyma. Madrid, [1958].

Idem. *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle-Espagne*. Chez F. Schoell. Paris, 1811.

Idem. *Mélanges de géologie et de physique générale*. Imprimerie de Ad. Lainé et J. Havard. Paris, 1864.

Idem. *Volcans des cordillères de Quito et du Mexique pour servir aux oeuvres de Humboldt et spécialement aux mélanges de Géologie et de physique générale*, [S.I.: s.n.] 1864.

Idem. *Essai géognostique sur le gisement des roches dans les deux hémisphères*. Imp. De Levrault. Strasbourg, 1826.

Idem. *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1804*, Vol. 1. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/3/vid/1/cid/1/tid/4/text/It-were-erroneous-to-believe-that-countries-because-they-have-been-already-visited-are-therefore-> (5 de Setembro de 2014)

Idem, *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of the New Continent during the Years 1799-1804*, Chapter II, parágrafo 141. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Portugal/rd/alldocuments/did//chk/> (6 de Setembro de 2014)

Ibid. Vol. V, 1818, parágrafo 72, 75, 76, 77, 78, 160, 162 e 203

<http://www.avhumboldt.net/humboldt/ir/output/term/Eschwege/rd/alldocuments/did//chk/>

(7 de Setembro de 2014)

Idem, *Aspects of Nature*, parágrafo 16. <http://www.avhumboldt.net/humboldt/publications/paragraph/did/25/vid/19/cid/131/tid/3886/text/The-Orinoco-is-one-of-those-rivers-which-after-many-windings-seem-to-return-back-towards-the-regio> (6 de Setembro de 2015)

Idem. *Aspects of nature in different lands and different climates with scientific elucidations*. Trans. By Mrs. Sabine. Lea and Blanchard. Philadelphia, 1850. http://www.avhumboldt.net/avhdata/Aspects%20of%20Nature/Vol0/Complete/Vol0_complete.pdf (7 de Setembro de 2014)

Idem e Aimé Bonpland. *Géographie des plantes équinoxiales*. Langlois. Paris, 1805.

Idem e Jean Bernard La Roquette. *Humboldt: correspondance scientifique et littéraire*. E. Ducrocq. Paris, 1865.

Idem e Gabriela Cardoso (trad. e apres.). *Pinturas da natureza: uma antologia*. Assírio & Alvim. Lisboa, 2007.

Ana Duarte Rodrigues. Roma para quem não foi a Roma: as ideias e as imagens do centro da Cristandade nos guias às Antiguidades Romanas. In: *Arte & Viagem* (coord. Margarida Acciaiuoli e Ana Duarte Rodrigues). IHA. Lisboa, 2012. pp. 49-62.

Idem. The role of nature and property to convey landscape perception of Brazilian territories. In: *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires* CEHC-IUL. Lisboa, 2014 (no prelo).

Idem. *Os Jardins de Sintra dos Séculos XVII e XVIII/17th and 18th centuries Sintra's gardens*. CHAIA. Évora, 2014.

Idem. Sintra's privileged picturesque landscapes offered by 19th century photography. In: *Fotografia-Investigação-Arquivo*. Museu Nacional do Teatro e CHAIA. Lisboa, 2014 (no prelo).

Anabela Mendes (org.). *Garcia de Orta e Alexander von Humboldt*. Universidade Católica Editora. Lisboa, 2008.

Andrew Sluyter. Humboldt's Mexican texts and landscapes. In: *Geographical Review*. Vol. 96. nº 3. Humboldt in the Americas. Jul., 2006. pp. 361-381.

António Filipe Simões. Alexandre de Humboldt. In: *O Instituto*. Vol. 8. Coimbra, 1860.

B. de Xivrey. *Des premières relations entre l'Amérique et l'Europe, d'après les recherches de M. A. de Humboldt*. Impr. De H. Fournier et C. Paris, [1838].

Antonio Vitte e Roberison Wittgenstein Dias da Silveira. Ciência e Estética na ciência humboldtiana e os fundamentos da geografia física moderna. In: *CLIMEP. Climatologia e estudos da paisagem*. Vol. 1., 2011. P. 94-117.

Idem e Kalina S. Springer. A ciência humboldtiana: entre a sensibilidade e a mensuração na gênese da geografia física. In: *Revista do Departamento de Geografia (USP)*. Vol. 21, 2011. P. 167-177.

Idem, R. W. Silveira, Kalina S. Springer, Josevan Dutra dos Santos. Ciência e estética na ciência humboldtiana e os fundamentos da Geografia Física moderna. In: *Geosul*, Vol. 27, 2012. P. 7-32.

Bénédicte Savoy e David Blankenstein (eds.). *Les frères Humboldt, l'Europe de l'esprit*. PSL Research University/Jean-Pierre de Monza. Paris, [2014]

Bonnie Roos e Alex Hunt (ed.). *Postcolonial green: environmental politics & world narratives*. University of Virginia Press. Charlottesville, 2010

Brasil, Novo Mundo. W. L. Von Eschwege. Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte, 1996

Caroline Schaumann. Who measures the world? Alexander von Humboldt's Chimborazo Climb in the Literary Imagination. In *The German Quarterly*. Vol. 82, nº 4. Fall 2009. P. 447-468.

Carl Israel Ruders. *Viagem em Portugal 1798-1802*. Biblioteca Nacional. Lisboa, 1981.

David Philip Miller and Peter Hanns Reill (eds.). *Visions of empire: voyages, botany, and representations of nature*. Cambridge University Press. Cambridge, 1996.

Douglas Botting. *Humboldt and the Cosmos*. Joseph. London, 1973.

Eschwege. *Relatório abreviado sobre o estado actual da administração das minas de Portugal*. Typ. Carvalho. Lisboa, 1826.

Idem. *Memória sobre a História Moderna da administração das minas em Portugal*. Academia R. das Sciencias. Lisboa, 1838.

Idem. *Odologia dos engenheiros constructores ou guia para a construção e conservação das estradas em Portugal e no Brasil*. Typ. Da Sociedade Propaga obra dos conhecimentos Úteis. Lisboa, 1843.

Gabriel Giraldo Jaramillo. *Humboldt y el descubrimiento estético de América*. Imp. Cromotip. Caracas, 1959.

Jean-Pierre Le Dantec. *Jardins et Paysages*. Larousse. Canada, 1996

Jeffrey A. Fortin e Mark Meuwese (eds.). *Atlantic biographies: individuals and peoples in the Atlantic world*. Brill. Leiden, Boston, 2014

Joaquim Bensaúde. *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises: réponse A. M. Hermann Wagner*. Impr. A. Kundig. Genève, 1917-1920.

Jorge Canizares-Esguerra. *Nature, empire, and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. Stanford University Press. Stanford, 2006.

Jorge Muchagato. *O Palácio e o Parque da Pena. O Palácio da Pena*. Vol. II. Parques de Sintra-Monte da Lua. Sintra, 2010.

José Gomes Monteiro. *Carta do Illmo Snr. Thomaz Norton, sobre a situação da Ilha de Venus e em defeza de Camões contra uma arguição que na sua obra intitulada Cosmos lhe faz*. Na Typ. De S. J. Pereira. Porto, 1849.

José Maria Latino Coelho. *Elogio do Barão de Humboldt lido na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 10 de Março de 1861*. Typ. Da Academia. Lisboa, 1861.

José Martins Carneiro. *O imaginário romântico da Pena*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2002.

José Silvestre Ribeiro. *Os Lusíadas e o cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admirável pintor da natureza*. Imprensa Nacional. Lisboa, 1853, com 2ª edição em 1858.

Karl S. Zimmerer. Humboldt's Nodes and Modes of Interdisciplinary Environmental Science in the Andean World. In: *Geographical Review*. Vol. 96, nº 3, Humboldt in the Americas. Jul., 2006. P. 334-360.

Louis Agassiz. *Address delivered on the centennial anniversary of the birth of Alexander von Humboldt*. Boston, 1869.

Luís de Pina. *A universalidade de Alexandre de Humboldt na história da cultura*. Centro de Estudos Humanísticos. Porto, 1959.

Luís Diéz del Corral. *La monarquía hispanica en el pensamiento político europeo: de Maquiavel a Humboldt*. Revista de Occidente. Madrid, 1976.

Mariano Cuesta Domingo e Sandra Rebok. *Alexander von Humboldt: estancia en Espana y viaje americano*. Real Sociedad Geográfica. Madrid, 2008.

Orlando Ribeiro. Alexander von Humboldt (1769-1859). In: *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*. Tip. Alcobacense. Alcobaca, 1969. P. 155-158.

Regina Horta Duarte. Between the National and the Universal: Natural History Networks in Latin America in the Nineteenth and Twentieth Centuries. In *Isis*, vol. 104, nº 4. December 2013. P. 777-787.

Thomas Gomes (dir.). *Humboldt et le monde hispanique*. Université Paris X. Nanterre, 2002.

Thomas Richter. *Alexander von Humboldt*. Rowohlt Taschenbuch Verlag. Reinbeck, 2009.

Ulli Kulke. *Alexander von Humboldt: viagem à América do Sul*. Círculo de Leitores. [Lisboa], 2013.

Waldemar de Almeida Barbosa. *Barão de Eschwege*. Edição da Casa de Eschwege. Belo Horizonte, 1977.

Wayne Ruwet. Review on Voyage aux Régions Equinoxiales du Nouveau Continent. Vols. XV-XVI. Vue des Cordillères et monuments des peuples indigenes de l'Amérique. In: *The Hispanic American Historical Review*. Vol. 54, nº 3. Aug., 1974. P. 511-512.